

Reinventando narrativas jornalísticas: a linguagem audiovisual da “Vice”¹

Isabela Heluey MARTINS²
Graduanda
Christina Ferraz MUSSE³
Coautora

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Este estudo se baseia na análise de quatro conteúdos que se dividem entre webdocumentários e reportagens feitas pela revista digital “Vice Brasil”, buscando reavaliar e entender as questões históricas que permeiam a relação entre documentário e jornalismo. Vamos identificar o que define suas diferenças, semelhanças e, principalmente, seus produtos “híbridos”. Esse trabalho tem aporte teórico de Manuela Penafria (1999), Fernanda Bernardes (2015), Marcelo Bauer (2018), Richardson Pontone e Cláudio Magalhães (2015), Jorge Antonio Salgado Salhani, Marcos Aurélio Cardinalli, Guilherme Nóbrega Costa e Adriana Cardoso Nogueira (2015). Vamos utilizar, aqui, a metodologia de “Análise de Conteúdo” para criar categorias e identificar o que é mais característico desse formato. A pesquisa ainda em andamento não possui a pretensão de apresentar conclusões, mas sim acrescentar reflexões ao debate sobre os formatos que permeiam as narrativas audiovisuais presentes em conteúdos jornalísticos.

Palavras-chave: GT História das Mídias Audiovisuais; Webdocumentário; Documentário; Jornalismo; “Vice Media”

Introdução

Em uma perspectiva histórica, a relação entre jornalismo e documentário é marcada tanto por dicotomias quanto por intersecções em relação ao seu conceito e função social. Porém, com o advento da pós-modernidade e a expansão da Internet, o encontro desses dois formatos gerou produtos “híbridos” que tornam essas fronteiras ainda mais difusas. Esse rompimento de barreira abriu espaço para a subjetividade e flexibilidade criativa do documentarista, do jornalista e dos profissionais que unem os dois.

¹Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

² Graduanda em Jornalismo da UFJF, email: isabelaheluey@gmail.com

³ Professora de Jornalismo da UFJF, email: cferrazmusse@gmail.com

Para entender melhor sobre o que definem e separam os gêneros, o presente trabalho pretende analisar a linguagem audiovisual utilizada pela revista digital “Vice Media” (ou apenas “Vice”) em sua produção aqui no Brasil e seu formato composto pelas duas categorias. Serão considerados o formato dos vídeos destinados à Internet no modelo webdocumentário, a narrativa utilizada pelo veículo, a escolha das pautas, a posição desempenhada pelo repórter, a utilização de uma linguagem mais subjetiva e os métodos utilizados para a edição do material. Para isso, serão analisados, individualmente, quatro vídeos na plataforma da revista no YouTube que têm como tema base a realidade da periferia nas grandes cidades.

Breve história: Quem é Vice Media?

De uma ação entre amigos, a revista “Vice Media” fundada por Suroosh Alvi, Gavin McInnes e Shane Smith, surgiu em 1994, na cidade de Montreal no Canadá em formato impresso, especializada em sexo, drogas e *punk music*. Em 1996, já com uma cobertura de assuntos mais ampliada, a revista que até então se chamava “Voz de Montreal” adotou o nome atual e expandiu-se para um formato multimídia. Hoje, além do formato impresso e digital, a “Vice” possui uma produtora de cinema, uma gravadora e um selo editorial com 29 escritórios em todos os continentes, exceto África e Antártida.

De acordo com a própria revista em sua descrição na plataforma do YouTube, “compilamos histórias fascinantes, relevantes e contadas do jeito que só nós sabemos contar; mudaram a forma de enxergar a cultura, a marginalidade, a arte, a festa, a moda, os protestos, a internet e vários outros temas que ainda não têm nome”. Assim, a “Vice” mantém um formato “fora da caixa”, expressão que, segundo o site “Awebic”, surgiu derivada da frase inglesa “thinking outside the box”, que significa pensar de forma inovadora e além dos padrões convencionais.

Nas suas produções atuais, a revista abusa da linguagem multimídia, quebrando padrões de comunicação com o uso de expressões jovens e coloquiais, ângulos irreverentes e edições cinematográficas. Essa característica abre um novo caminho que viabiliza o contato direto com os “Millennials” que, de acordo com o estudo “Dossiê BrandLab: The Millennial Divide” de 2017, são pessoas nascidas entre 1979 e 1995 que têm em comum a facilidade do acesso à informação.

A revista segue como uma plataforma jornalística quando se mantém no modelo de telejornalismo brasileiro que, segundo Piccinin (2008), se caracteriza pelo comprometimento com a cartilha americana. A produção da revista mantém pautas bem definidas, um repórter

como apresentador e a informação como destaque principal. Porém, a forma em que todas essas informações são passadas ao público, desde a escolha dos assuntos para as reportagens até a sua apresentação num formato mais livre de preocupações, é que caracteriza seu diferencial. De acordo com o cofundador e ex-diretor da “Vice”, Shane Smith em entrevista para o site *Meio & Mensagem* em 2016, “nosso diferencial é que tentamos mais vezes, gostamos de errar. Marcas querem ser vistas como algo perfeito, e nada é perfeito”.

É observada em muitos conteúdos da revista uma conexão atípica do repórter com o conteúdo da matéria quando há uma inserção naquelas vivências. Algumas dessas ligações podem alcançar um nível mais pessoal quando é visível que o profissional se conecta ao contexto por semelhanças identitárias com o assunto abordado. Dessa forma, a “Vice” deixa de lado o estigma da imparcialidade jornalística que é reforçada na apresentação dos profissionais em meios de comunicação tradicionais.

Diferentemente do estilo do tradicional hard news, a abordagem da Vice é feita a partir do ponto de vista e vivências do próprio jornalista, o qual tece a reportagem ao desenrolar das experiências obtidas durante a cobertura dentro do cenário sobre o qual ele escreve. (SALHANI; CARDINALLI; COSTA; NOGUEIRA, 2015, p.3)

Essa abordagem é caracterizada pela própria empresa como “imersionismo” (SMITH, 2014), um tipo de jornalismo no qual os profissionais “mergulham” na realidade abordada, convivendo com moradores locais e evitando ações intrusivas. De acordo com Shane, uma outra diferença que facilita essa prática, é a utilização de equipamentos mais compactos e práticos.

Nós vamos para esses locais não como equipes de jornalismo tradicionais. Nós não estamos lá para expor; estamos lá para imergir e realmente apenas para contar uma história. E eu penso que, porque vamos como contadores de histórias, somos geralmente bem-vindos nessas situações e comunidades. E por eles se abrirem para nós, temos acesso a histórias ricas e humanas. (SMITH, 2014, p.8)

O estilo de jornalismo adotado pela empresa de comunicação se assemelha ao estilo “gonzo”, originado pelo jornalista Hunter Thompson em que o narrador abandona qualquer pretensão de objetividade, se misturando mais intensamente com a ação. A conexão com o estilo acontece pelo desprendimento da objetividade e a relação mais profunda com o objeto abordado. Porém, de acordo com Cardinalli, Costa, Nogueira e Salhani (2015, p.4), “a

diferença é que, enquanto este último é focado em colocar a vida do autor no centro da narrativa (HARCUP, 2014), o jornalismo imersivo estaria mais ligado a experiências pessoais pontuais e a reações específicas do escritor frente a determinada situação.”

Apesar de ter encerrado sua atividade editorial no Brasil em maio deste ano, a “Vice” segue produzindo conteúdos “imersivos” através dos seus vídeos no YouTube. As produções que variam de dois a 28 minutos, apresentam o conteúdo jornalístico através da narrativa de documentário. Segundo Melo (2002, p.23), o que “marca característica do documentário é seu caráter autoral, definido como uma construção singular da realidade, um ponto de vista particular do documentarista em relação ao que é retratado.”

O produto realizado pela empresa de comunicação abandona o formato de reportagens telegenéticas de emissoras tradicionais e adiciona características cinematográficas em um formato realizado para a Internet, que podemos chamar de webdocumentário ou apenas webdoc. Esse modelo é caracterizado por ser uma extensão da linguagem televisiva e cinematográfica com as especificidades da rede, já que parte do princípio da participação da audiência através da interatividade. (PONTONE; MAGALHÃES, 2015)

Em primeiro lugar, o termo webdocumentário costuma ser associado a um “sistema” único, ou seja, um produto cultural pensado de maneira específica e não em linha de produção. É isso que diferencia, por exemplo, um webdocumentário de uma reportagem multimídia em um site noticioso, assim como um documentário de cinema é diferente da cobertura de TV de um mesmo acontecimento. (BAUER, 2018)

Dessa forma, a partir da especificação do produto e possibilidade maior de interação, a “Vice” atrai seus leitores adeptos do jornalismo “imersivo” para buscar informações nos seus conteúdos audiovisuais, fazendo com que sejam também telespectadores. Segundo Santaella (2005), o leitor “imersivo” é aquele que busca a hipermídia com linguagem híbrida e não-linear.

Esse tipo de leitor, acostumado com a linguagem efêmera dos grandes centros urbanos e provido de uma sensibilidade perceptivacognitiva quase que instantânea, “surge da multiplicidade de imagens sígnicas e ambientes virtuais de comunicação imediata” (CANUTO, 2009, p. 4). Assim, a Vice se mostra apta a oferecer aos “imersivos” o que eles buscam, se utilizando, além do método imersivo, uma linguagem específica, oralizada e subjetiva. (SALHANI; CARDINALI; COSTA; NOGUEIRA, 2015, p.10)

Essa característica identifica os principais consumidores dos produtos da revista, que são os contemporâneos do advento da Internet e sua expansão entre os meios de consumo do século XXI.

Webdocumentário: Audiovisual e interatividade em pauta

Assim como o jornalismo passou por adaptações quando migrou para o ambiente virtual, o mesmo aconteceu com o documentário. As plataformas digitais incluíram novas questões para o fazer documental como, por exemplo, o contato direto com o espectador. De acordo com Penafria (1999), o documentarista, aqui, se vê diante da necessidade de desenvolver sua criatividade em relação a criação desse sistema interativo e a abordagem do tema, de forma que este fique passível de ser compartilhado de forma mais ampla.

A grande inovação que as novas tecnologias permitem é sem dúvida a interatividade que, no caso do documentário deverá ser usada no sentido de reforçar determinado argumento e permitir a eventual passagem para outras perspectivas ou pontos de vista sobre determinado assunto (quando, por exemplo se consultarem aplicações on-line) que utilizarão por ser lado a interatividade para reforçar o seu ponto de vista. Um documentário em suporte digital é suposto ser um espaço onde se defendem e discutem pontos de vista sobre um dado assunto. (PENAFRIA, 1999)

Apesar de ser uma das características mais importantes, a interatividade não define o que é esse formato já que, assim como o documentário, o webdoc não possui uma definição singular. Segundo Bernardes (2014), a definição elaborada pelo diretor de cinema, Martin Percy, os webdoc's não se caracterizam apenas por serem distribuídos pela Internet, mas também por serem criados para este formato. Nessa concepção, o webdocumentário se caracteriza, também, por ser um documentário originário da Internet, chamado também de *internet native movies*. “Sendo assim, não podem ser transmitidos em uma tela de tevê tradicional sem que se perca algo essencial. Webdocumentário, na nossa concepção, é um documentário nativo da web.” (BERNARDES, 2014, p.4)

Para a Internet, o documentário [...] se constitui como um patrimônio de referência (mesmo que seja para lhe serem abaladas ou negadas certezas); e tanto o meio como o neologismo vêm, definitivamente, afirmar que o termo “documentario” não possui um significado estável e delimitado. O documentário não se define, experimenta-se; e a mais recente experimentação são os webdocumentários que surgem numa moldura de tecnologia exacerbada, onde os meios são cada vez mais interativos, não-

lineares e, acima de tudo, personalizáveis (SOUZA, 2015, p.5 apud PENAFRIA, 2013, p. 151).

No caso dos filmes exibidos pelo YouTube, como é o caso das produções da “Vice”, a interface não permite que o usuário tenha controle sobre a narrativa, o que possibilita que o produto seja exibido na televisão sem grandes perdas. Porém, nos vídeos publicados pela revista podemos perceber o que Martin quer dizer com produções feitas, essencialmente, para a Internet. Isso porque, se formos avaliar a experiência de assistir um filme idealizado para o cinema, há um processo prévio que anuncia que o espectador irá dedicar um tempo exclusivo para assistir àquele produto. Podemos perceber isso até pelo tempo de duração dessas produções que, desconsiderando os curta-metragens, são contadas em horas.

No caso dos produtos da “Vice”, a maior produção encontrada no seu canal nacional é de 28 minutos e 24 segundos, o que mostra uma produção bem adaptada ao fluxo rápido e contínuo da Internet. Por essa dinâmica acelerada de informações encontradas na web, o espectador mantém uma atenção difusa até mesmo pelo sistema de abas, que auxilia o usuário ao fazer várias coisas ao mesmo tempo. Dessa forma, assistir um filme feito para a Internet e assistir a um filme feito para o cinema, se difere desde a intenção do seu idealizador ao escolher o formato até o seu processo de exibição.

Análise dos produtos audiovisuais

A “Vice” mostra que se manter livre dos formatos é parte da identidade da revista. Mostra também que não se preocupa em manter uma linearidade nas suas produções, tendo vídeos que variam de dois a 28 minutos em seu canal no YouTube. Porém, é possível identificar alguns padrões em relação aos materiais, seja pelas categorias das *playlists* criadas pela própria empresa na plataforma, ou pelas características semelhantes entre eles.

Apesar da maior parte das suas produções serem um “híbrido” perfeito entre jornalismo e cinema, é possível identificar os vídeos que se aproximam mais de um formato que de outro. Analisando o canal da revista no YouTube, encontramos algumas produções mais cinematográficas que poderíamos classificar como webdoc (a maior parte concentrada na *playlist* “Documentário”) e outras semelhantes ao formato de reportagens jornalísticas, com presença de repórter e narração *off*. Apesar de algumas exceções, geralmente as produções mais longas são as mais próximas da estética do cinema e, as mais curtas, próximas do telejornalismo.

Independente do formato, podemos perceber que a assinatura da “Vice” se dá por conta das suas escolhas estéticas e de abordagem de conteúdo. Por isso, existem algumas características comuns em quase todas as produções da revista como, por exemplo, a liberdade quanto a presença de opinião e a postura informal do apresentador. A “Vice” faz um conteúdo muito específico para o ambiente livre e “anárquico” da Internet, deixando claro que suas produções são voltadas para um público jovem.

Para a análise dos conteúdos, irei utilizar as seguintes categorias: “Gênero/Formato”, para avaliar se a produção se aproxima mais do cinema documental ou da reportagem utilizando as definições do autor Fernão Ramos. Caso se aproxime mais do cinema, irei utilizar as classificações de formato de documentário elaboradas pelo autor Bill Nichols; “Narrativa”, em que irei avaliar se o conteúdo é semelhante aos padrões jornalísticos, se é opinativo e se possui um caráter mais “reflexivo”. Esse último, classifico por aquelas produções que fazem provocações ao espectador e não oferecem respostas diretas.

“Fontes” para, de acordo com o que é utilizado no jornalismo, avaliar o papel dos entrevistados e como estes são apresentados ao público. Para essa categoria, classifico as fontes como “diretas”, que são aquelas que possuem envolvimento objetivo sobre o caso abordado (ex. Fontes que possuem parentesco direto com o personagem principal ou que estão envolvidas com o caso), e fontes “indiretas”, que são aquelas que podem se relacionar com o assunto abordado, porém de forma subjetiva (ex. Grupos sociais semelhantes ao do personagem principal, pessoas envolvidas no contexto do caso abordado etc).

Utilizo “Assunto/Enquadramento” para classificar as produções de acordo com as escolhas narrativas objetivas e subjetivas, ou seja, diferenciando o tema que é apresentado como principal no título do assunto que é abordado ao longo do vídeo. Por último, utilizo “Edição/Pós-produção” para determinar as escolhas estéticas de cada produção, sempre tendo como base os padrões jornalísticos e cinematográficos.

Vídeo 1: Rafael Braga: Mais um rapaz comum (13:13)

O primeiro vídeo identifica como assunto principal a prisão do catador de recicláveis Rafael Braga, acusado de portar um “coquetel molotov” em sua mochila durante as manifestações populares de 2013. O artefato seria, na verdade, um vidro de desinfetante e outro de água sanitária, o que não impediu o catador de ser detido, espancado e condenado a quatro anos e oito meses de prisão no Rio de Janeiro. De acordo com o portal “G1”, após

conquistar o direito de cumprir a sentença em domicílio, o rapaz foi novamente preso em 2017 e sentenciado a 11 anos e três meses por tráfico e associação ao tráfico de drogas.

Ao longo do documentário, percebemos que o enfoque central da narrativa não é a prisão em si, mas sim a realidade em que Rafael está inserido e o levou a ser preso. O fato e seus desdobramentos se mostram, na verdade, como um fio condutor para a reflexão e volta de questões raciais e sociais. O conteúdo não descarta o factual, mas foca toda sua abordagem em um “reflexivo” que não deixa de ser opinativo, já que a revista deixa claro sua visão pela edição, entrevistas e até pela escolha da frase “mais um rapaz comum” presente no título do material.

Em relação à estética, é possível perceber que há uma curadoria diversificada. Variam entre imagens de arquivo, imagens menos estáveis feitas com câmera na mão, e imagens que revelam o cuidado com o conceito artístico por trás de ângulos e desfoques. Além disso, a iluminação é mais dramática em alguns momentos (com luz direta em cima do personagem, marcando bem as sombras) e a trilha sonora conduz o espectador a “imersão” na narrativa (como é a intenção da revista), guiando para sentimentos mais “apropriados” em cada momento (chega a níveis mais altos nos momentos mais tensos e mais baixos em momentos mais tranquilos).

A produção é guiada pela narração das entrevistas sem a presença de nenhum repórter, revelando mais uma vez um conteúdo mais próximo do documentário. Porém, apesar de permanecer anônima em quase toda a produção, a equipe por trás das câmeras revela sua presença quando Rafael sai da prisão e eles correm atrás do rapaz para captar as imagens inéditas, característica bem marcante em produções telejornalísticas que encontramos na mídia hegemônica.

Outro ponto interessante na hora da análise é a escolha das fontes. Aqui, são entrevistadas pessoas que têm ligação direta com o fato, como a mãe de Rafael e os advogados, mas também são ouvidas pessoas que têm ligação indireta, como artistas e membros de coletivos sociais que falam sobre os aspectos gerais que envolvem a prisão do jovem. Além disso, algumas fontes como os advogados que contribuíram com informações sobre o caso, falam diretamente para o público, se dirigindo à câmera ao invés de se dirigir à pessoa que fez a pergunta.

A forma como essas fontes são identificadas também chama atenção: na legenda aparece apenas “estudante”, “advogado”, “rapper” ou até o nome do coletivo ou associação que fazem parte, sem qualquer tipo de especificação mais profunda do cargo. É importante

destacar que, quando a fonte utiliza alguma palavra de baixo calão, não há qualquer tipo de censura por parte da edição, o que pode se dar pela liberdade de expressão que o ambiente da internet permite.

Vídeo 2: Balé e balas: aulas de dança no meio do fogo cruzado (17:13)

O segundo vídeo retrata, de acordo com a “Vice”, a realidade de meninas e da professora Tuany do grupo “Na Ponta dos Pés”, que realizam aulas de balé na comunidade em que vivem, o Morro do Adeus, no Rio de Janeiro. A produção mostra como foco principal a vida entre o medo e a resistência das personagens ao realizar as aulas em um ambiente alvo de violência e fogo cruzado.

A produção também se trata de um formato webdoc, possuindo características estéticas e narrativas muito semelhantes ao primeiro produto analisado. É possível perceber um cuidado com a fotografia nas escolhas de ângulos, planos, desfoques e iluminação, apesar de, como no primeiro vídeo, variar entre imagens mais estabilizadas (utilizando tripé) e outras mais tremidas (utilizando câmera na mão). Além disso, aqui, temos a presença de close e de imagens “subjetivas”, com aspecto mais artístico do que jornalístico. A trilha sonora também é usada para guiar o espectador na identificação com as emoções que estão sendo reveladas em cada cena.

Na busca pela “imersão” almejada pela “Vice”, o documentário não se mantém apenas na questão do “balé e balas”, mas busca refletir sobre a vulnerabilidade e as dificuldades que enfrentam essas personagens que escolheram manter a prática. Para isso, logo nos primeiros momentos do vídeo, depois que somos apresentados àquele grupo e identificamos uma identidade coletiva pela presença de um grito de guerra, somos introduzidos à realidade de alguns membros específicos.

Começa pela professora que é apresentada dentro de sua casa e fora além do ambiente das aulas. Nesse ambiente íntimo, Tuany conta sobre sua jornada até se tornar uma professora de balé, com todas as dificuldades que são apresentadas à uma moradora de periferia. Da mesma forma, depois somos apresentados ao cotidiano de uma aluna do grupo que, mesmo muito jovem, vive entre afazeres domésticos e o sonho de ser uma bailarina. A edição deixa claro a intenção de contrastar a idade da menina com seu amadurecimento precoce quando, em alguns momentos, varia a imagem entre seus afazeres e brinquedos infantis.

Após conhecer essas personagens mais de perto e associar essa realidade com o resto das alunas, o espectador que já está mais familiarizado se torna, conseqüentemente, mais empático aos próximos acontecimentos. É como se, para ser apresentado ao assunto principal (a dificuldade de manter as aulas de balé num ambiente de fogo cruzado), ele precisasse conhecer o *background* dos envolvidos para então experienciar com mais veracidade aquelas emoções. De novo, aqui fica claro que ocorre o que a “Vice” chama de “imersão”.

Como no primeiro vídeo, apesar de não haver a presença de narrador ou repórter que guie a narrativa, podemos identificar a presença da equipe em um momento de tensão: quando ocorre um tiroteio em algum lugar próximo durante as aulas de dança e todos correm para se esconder. Nesse momento percebemos que o cinegrafista que está retratando a imagem também está inserido ali e, portanto, corre com a câmera na mão. A trilha sonora nesse momento fica mais tensa e, como já estamos mais próximos daqueles personagens e cientes do que vivem para chegar até ali, conseguimos nos conectar emocionalmente com a situação.

Mesmo diante desse impasse, ouvimos logo em seguida o grito de guerra do início em que as meninas, ao serem convocadas pela professora, revelam numa cantoria quem são e de onde vem. Nesse momento, temos a sensação de que esse grupo se reconhece na mesma realidade e mesmo objetivo: meninas que, apesar da vulnerabilidade social, sonham em ser bailarinas. O documentário que busca sempre contrastar a realidade dura e hostil do Rio de Janeiro com a pureza e inocência das bailarinas, termina com uma mensagem de resistência quando uma das alunas diz que pode ser o que ela quiser.

Vídeo 3: O genocídio da juventude periférica no Brasil: os cinco de Maricá (7:24)

O terceiro vídeo trata sobre a morte de cinco jovens em Maricá, município do Rio de Janeiro. De acordo com o “Jornal do Comércio”, o crime aconteceu em 2018 quando, segundo as testemunhas, milicianos renderam e atiraram contra os jovens na área de convivência do conjunto habitacional que moravam. Os meninos participavam da cena Hip Hop e gerou comoção de alguns artistas nacionais como o cantor Projota.

Diferente das produções anteriores, esse vídeo possui características que se aproximam mais do telejornalismo que do cinema, por isso vou me referir a ele, algumas vezes, como “reportagem”. Além do tempo mais curto, logo no início há uma narração e, em seguida, somos apresentados a uma “repórter” que guia o espectador ao longo da narrativa. O motivo da palavra “repórter” ter sido mencionada com aspas é porque a revista apresenta

a personagem como “Vice” apenas. Por isso e pelo fato da revista não identificar essa produção como jornalística de forma direta, vamos referir a ela como “apresentadora”.

Apesar do conteúdo ter um caráter mais jornalístico, possui características muito distintas das que estamos acostumados a ver na mídia hegemônica. Um exemplo disso é o fato da apresentadora não ser identificada com seu nome e sobrenome como é usado normalmente nos telejornais, mas sim com seu apelido e sobrenome. As fontes que são entrevistadas também são identificadas de maneira incomum, apresentando apenas o primeiro nome e o cargo sem especificações.

Outro fato interessante é que, pela informalidade característica da “Vice”, a apresentadora utiliza de gírias para se comunicar com as fontes que participam daquele contexto social dos meninos assassinados, como, por exemplo, quando pergunta: “você conhecia os moleques?”, para um dos jovens que tinha ligação direta com uma das vítimas. Porém, quando entrevista a delegada da delegacia de homicídios, a fonte é identificada com seu nome e sobrenome, e a apresentadora mantém uma postura menos informal comparada aos casos anteriores.

Como os outros vídeos, essa reportagem também utiliza do tema central para instigar uma reflexão acerca da realidade social e racial que esses jovens viviam, mostrando a influência desses fatores para terem sido mortos. Apesar de trazer uma carga factual maior comparada aos dois documentários que analisamos, a produção possui muito conteúdo opinativo, tanto dos entrevistados quanto da própria entrevistadora.

Em relação à estética, o terceiro conteúdo possui menos ângulos e planos poéticos, porém ainda é perceptível a escolha de alguns elementos mais artísticos. As imagens variam de imagens de arquivo, câmera na mão (menos estáveis) e imagens de tripé (mais estáveis).

Vídeo 4: Jovens da Maré falam sobre a intervenção federal militar no Rio de Janeiro (2:32)

O quarto e último vídeo a ser analisado aborda a visão dos moradores em relação à intervenção do exército no Complexo da Maré, bairro localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. Pelo aumento da violência dessa zona de conflito entre policiais militares e grupos ligados ao tráfico, de acordo com o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec), em fevereiro de 2018 o ex-presidente Michel Temer determinou a intervenção federal e militar do estado do Rio nesta região. Porém, após a operação, houve mais casos de mortes por conta

dos conflitos. Um exemplo é a do menino Marcos Vinícius de 14 anos, assassinado enquanto ia para a escola durante uma operação policial.

Essa produção, assim como a anterior, está mais próxima dos conteúdos telejornalísticos pela presença de uma apresentadora, entrevistas e imagens menos subjetivas. Porém, também possui características pouco convencionais quando comparados à mídia hegemônica. Um exemplo é que, ao invés de buscarem opiniões divergentes sobre o mesmo assunto, a “Vice” coloca mais uma vez seu ponto de vista através da opinião dos moradores e da própria apresentadora. Não nos é apresentado os “dois lados da moeda”, mas sim a reflexão diante de um consenso entre todos os envolvidos.

Nesse vídeo, a apresentadora também se afasta da postura de repórter convencional e se apresenta como um indivíduo próximo da realidade que retrata. Percebemos essa característica assim que o vídeo começa e a guia da reportagem está dentro de uma casa com roupas informais, transmitindo a sensação de que faz parte daquele contexto.

Outro fato interessante é que, além da postura mais “despojada” na utilização de gírias e da proximidade que mantém com os entrevistados (é colocada na imagem lado a lado), a apresentadora é identificada apenas com seu apelido e o “Vice”. A relação da jovem com a realidade que está retratando passa a ser confirmada quando, no final, utiliza a frase “essa é a nossa voz e nós precisamos ser ouvidos”, afirmando que faz parte daquele contexto. Apesar de não encontrarmos um refinamento estético na curadoria das imagens, percebemos que a escolha dos ângulos e iluminação não deixa de ser inovadora nos aspectos jornalísticos. Aqui, são utilizadas imagens de arquivo, imagens feitas com câmera na mão e outras feitas com a presença do tripé, gerando mais estabilidade. A trilha sonora só está presente no começo e no final da produção.

Quadro de análise

	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4
Gênero/Formato	Webdoc/ Modo observativo	Webdoc/ Modo observativo	Reportagem	Reportagem
Narrativa	Conteúdo opinativo que apela para o reflexivo	Conteúdo reflexivo e opinativo	Conteúdo jornalístico e opinativo	Conteúdo jornalístico e opinativo
Fontes	Fontes diretas e Fontes indiretas	Fontes diretas	Fontes diretas	Fontes diretas

Assunto/Enquadramento	Prisão de Rafael Braga/Racismo estrutural	Realidade das aulas de balé em um ambiente de fogo cruzado/ Desigualdade social e guerra às drogas	A morte de cinco jovens em Maricá/ Racismo estrutural e guerra às drogas	Intervenção militar na comunidade da Maré/ Guerra às drogas
Edição/Pós produção	Cinematográfica	Cinematográfica	Jornalística	Jornalística

Considerações finais

Podemos ver que, muitos dos conceitos que auxiliaram na separação entre jornalismo e documentário já foram refutados ao longo do tempo como, por exemplo, o mito da objetividade e a abstenção da subjetividade em prol da “verdade”. Além disso, os levantamentos aqui registrados apontam que, pelo fluxo contemporâneo, os formatos se desenvolvem mais rapidamente que os conceitos.

Podemos considerar os produtos da revista “Vice” como webdocumentários e reportagens feitos para o ambiente da Internet, mas, se as definições de documentário e jornalismo se tornam cada vez mais complexas diante dos rumos da pós-modernidade, o seu produto híbrido não seria diferente. Por esse motivo, as pesquisas não apontam uma terminologia mais adequada ou que caracterize por completo o que são de fato essas produções.

O que podemos perceber é que, no percurso da reflexão sobre um produto veiculado na contemporaneidade que abandona o compromisso com o formato e coloca em cheque os valores históricos que separam os dois gêneros, as novas linguagens desenvolvidas pelo avanço da tecnologia reconstróem um elo que se mantém aberto para a criatividade nos meios de comunicação.

Como conhece bem a sociedade com quem se comunica, a "Vice" utiliza do seu formato indefinido como auxílio para que a mensagem chegue da forma que pretende. A revista se mostra como um bom exemplo de produto inovador que “desliza” entre formatos fixos incorporados no jornalismo e sugere uma reflexão sobre se ainda cabe adaptar informações em categorias inflexíveis e padrões históricos para a realidade da nossa contemporaneidade que é tão dinâmica.

REFERÊNCIAS:

BAUER, Marcelo. **O que é webdocumentário: uma definição.** In: O que é webdocumentário: uma definição. [S.l.], 5 fev. 2018. Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/para-saber-mais/o-que-e-webdocumentario-uma-definicao/>. Acesso em 19 jun. 2021.

BERNARDES, Fernanda. **WEBDOCUMENTÁRIO E INTERAÇÃO: COMPREENDENDO O PAPEL DO USUÁRIO EM FORT MCMONEY.** 10º **Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Fernanda-Bernardes.PUCRS_.pdf. Acesso em: 19 jun. 2021.

DATA_LABE. In: **MARÉ – UM LABORATÓRIO PARA O RIO: A OCUPAÇÃO MILITAR NA MARÉ (2014) E A INTERVENÇÃO FEDERAL (2018):** A intervenção militar e a estratégia de resolver o problema da segurança pública sob militarização: o que os dados dizem sobre a ocupação na Maré em 2014 e o que foi feito até agora no Rio de Janeiro.. [S. l.], 27 maio 2018. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/participacao/mare-um-laboratorio-para-o-rio-a-ocupacao-militar-na-mare-2014-e-a-intervencao-federal-2018/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

ESTADÃO. In: **Chacina deixa cinco adolescentes mortos em Maricá, RJ. Rio de Janeiro, 19 jun. 2021.** Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/03/geral/618567-chacina-deixa-cinco-adolescentes-mortos-em-marica-rj.html. Acesso em: 19 jun. 2021.

G1 Rio. In: **Ex-morador de rua preso em protesto de 2013 é condenado a 11 anos de prisão por tráfico.** [S. l.], 21 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/ex-morador-de-rua-preso-em-protesto-de-2013-e-condenado-a-11-anos-de-prisao-por-trafico.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2021.

INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 4., 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Lorene Dias de Souza, 7/09/2015. 15 p. Tema: Webdocumentário: abordagem documental e dinâmica de navegação e suas características interativas. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2798-1.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MEIO&MENSAGEM. **Qual o segredo da Vice Media?**. Disponível em: . Acesso em 20 jun. 2021.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.html>. Acesso em: 19 jun. 2021.

PONTONE, Richardson; MAGALHÃES, Cláudio. **O webdocumentário combina TV e cinema.** In: O webdocumentário combina TV e cinema. [S. l.], 7 nov. 2015. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/multimedia/o-webdocumentario-combina-tv-e-cinema/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SALHANI, J.A.S. et al. **Subjetividade e Oralidade no Jornalismo Imersivo do Grupo Vice.** In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 20., 2015, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Intercom, 2015.

SMITH, S. **The ambitious, adventurous journalists at Vice practise 'immersionism'.** Entrevista para Brad Oswald. Winnipeg Free Press. 2014. Disponível em: <https://www.winnipegfreepress.com/arts-and-life/entertainment/TV/extreme-storytelling-251150361.html>. Acesso em 19 jun 2021